

Vigilante não acha emprego e vira camelô

Quando chegou de Limoeiro do Norte, no sertão do Ceará, no dia 8 de março, o vigilante José João Franquilino, de 42 anos, achou que encontraria melhores condições de trabalho. Enganou-se. Até julho, ficou absolutamente parado, procurando emprego em todas as empresas de segurança. A partir de agosto, resolveu procurar outra ocupação para sustentar a família.

Com três filhos, de sete a 16 anos, Franquilino paga Cr\$ 60 mil para morar num imóvel com dois cômodos, no bairro de São Mateus, na Zona Leste de São Paulo. Mas ele ganha apenas Cr\$ 100 mil como "empregado" numa banca de camelô na Ladeira Porto Geral, no Centro da cidade. "Sobra muito pouco para as outras coisas, co-

mo luz, água, comida e ônibus", conta.

"Como segurança, poderia ganhar muito mais", queixa-se. "Mas com essa tal de recessão, ninguém arranja emprego e o jeito é procurar uma outra maneira de ganhar dinheiro." Eleitor do presidente Fernando Collor, Franquilino acha que o desempenho do governo "é um pouco bom", pois "ainda posso levar alguma coisa para casa".

Franquilino diz que nunca ouviu falar em seguro-desemprego. Ainda sonha, porém, em conseguir um emprego e comprar uma casa para a família. "Nem sabia desse seguro-desemprego, mas acho que o certo é a gente ter um emprego e ganhar o suficiente para os gastos", conclui.